

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS: A PROPOSTA DE UM
MINICURSO NA “SEMANA DA MULHER” COMO ESTRÁTEGIA PARA A
ABORDAGEM DE QUESTÕES DE GÊNERO E VISIBILIDADE DE
MULHERES CIENTISTAS**

**FORMACIÓN DE DOCENTES DE CIENCIAS: LA PROPUESTA DE UN
MINICURSO EN LA “SEMANA DE LA MUJER” COMO ESTRATEGIA PARA
ABORDAR LAS TEMAS DE GÉNERO Y VISIBILIDAD DE LAS MUJERES
CIENTÍFICAS**

Rúbia Estefânia Pinto da Silva

Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal
Universidade de Brasília
rubiae.silva@gmail.com

Rodrigo Diego de Souza

Universidade de Brasília
Universidade Federal de Santa Catarina
professor.rodrigossouza@gmail.com

RESUMO

A Semana Escolar de Combate à Violência contra a Mulher, prevista em Lei para acontecer em todas as instituições públicas e privadas da educação básica, coloca como objetivos capacitar educadores sobre a prevenção e o combate à violência contra a mulher. Associado a isso, as lacunas na inserção e no debate das questões de gênero na escola alertam para a naturalização de papéis sociais de gênero e a invisibilidade feminina. Assim, este artigo apresenta o relato de experiência de um minicurso ofertado sobre visibilidade de mulheres cientistas na “Semana Escolar de Combate à Violência contra a Mulher”.

Palavras-chave: formação de professores; semana da mulher; gênero; mulheres cientistas; violência.

Eixo temático: 3 – Formação docente em Ciências e Biologia.

Modalidade: Relato de experiência pedagógica.

RESUMEN

La Semana Escolar de Lucha contra la Violencia contra la Mujer, prevista por ley en todas las instituciones de educación básica públicas y privadas, tiene como objetivo capacitar a los educadores en materia de prevención y lucha contra la violencia contra la mujer. Asociado a esto, las brechas en la inserción y debate de las cuestiones de género en la escuela alertan sobre la naturalización de los roles sociales de género y la invisibilidad femenina. Así, este artículo presenta el relato de experiencia de un minicurso ofrecido sobre la visibilidad de las mujeres científicas en la “Semana Escolar de Lucha contra la Violencia contra las Mujeres”.

Palabras clave: formación de profesores; semana de la mujer; género; mujeres científicas; violencia.

Eje temático: 3 – Formación docente en Ciencias y Biología.

Modalidad: Informe de experiencia pedagógica.

INTRODUÇÃO

Em junho de 2021 entrou em vigor a Lei nº 14.164, que instituiu a “Semana Escolar de Combate à Violência contra a Mulher”, buscando difundir conhecimentos sobre a “Lei Maria da Penha” (Lei nº 11.340/2006) e alterando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) ao incluir conteúdos relativos aos direitos humanos, assim como promovendo a realização de atividades sobre a temática (Brasil, 2021).

A “Semana Escolar de Combate à Violência contra a Mulher” é prevista em Lei para acontecer anualmente, no mês de março, em todas as instituições públicas e privadas da educação básica. Essa semana tem como objetivo capacitar educadores para a prevenção e o combate à violência contra a mulher, impulsionando a reflexão crítica na comunidade escolar para o desenvolvimento de estratégias para o enfrentamento das diversas formas de violência de gênero (Brasil, 2021).

O pouco conhecimento dos professores sobre questões de gênero e equívocos quanto à linguagem utilizada para se referirem ao tema têm sido revelados em estudos que alertam para a naturalização de papéis sociais de gênero. Essa falta de clareza quanto a esse tema, também pode impactar na perpetuação da invisibilidade feminina nos diversos fenômenos históricos e sociais, o que pode contribuir para a manutenção do viés androcêntrico das Ciências Naturais (Heerdt; Batista, 2017; Coutinho; Rotta, 2023).

Assim, observa-se a necessidade de inserir momentos formativos que incluam e problematizem a temática de gênero na formação inicial e continuada dos professores de

Ciências, posto que possibilitam a percepção dos docentes de que os saberes que possuem já não são suficientes (Batista et al., 2013; Heerdt; Batista, 2016).

Nessa perspectiva, em março de 2023, durante a “Semana da Mulher”, foi realizada uma proposta de formação continuada para um grupo de 38 professores da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal, intitulado “‘Semana Escolar de Combate à Violência contra a Mulher’ e a visibilidade de mulheres cientistas”. Posto que observamos que há uma ausência de ações educativas que estavam sendo realizadas na “Semana da Mulher” devido a sua recente implementação.

Essa ação buscou dialogar com os docentes sobre a representatividade das mulheres nas Ciências e estereótipos de gênero, com vistas à construção coletiva de propostas e ações pedagógicas factíveis que pudessem ser desenvolvidas durante a “Semana da Mulher”, como também em outros contextos. Destacando tanto a importância do combate à violência de gênero quanto a necessidade de promover a presença e o reconhecimento das mulheres no campo científico, buscando inspirar outras pessoas a se engajarem na luta pela equidade de gênero e pela promoção da diversidade e inclusão na ciência

Perante essas questões, o objetivo deste relato de experiência foi compartilhar os aprendizados e reflexões adquiridos durante essa formação continuada, assim como suas potencialidades e contribuições para promover a visibilidade de mulheres cientistas na “Semana Escolar de Combate à Violência contra a Mulher”.

METODOLOGIA

A formação continuada foi cadastrada como um minicurso de extensão universitária de modo a propiciar aqueles que participassem um certificado emitido pelo Decanato de Extensão da Universidade de Brasília. O grupo de docentes que participou deste minicurso possuía diferentes formações iniciais: Ciências Biológicas (06), Matemática (04), Letras (09), Geografia (01), História (05), Pedagogia (07), Educação Física (02), Arte (02), Engenharia elétrica (01) e Estudos Sociais (01). No entanto, para a análise dos registros (dados) oriundos desta experiência e que mobilizamos neste relato, foram considerados somente aqueles docentes que lecionavam Ciências Naturais. Estes docentes possuem graduação em Ciências Biológicas. Portanto, o *corpus* de análise crítica deste relato de experiência foram seis professores de Ciências que atuavam de sexto ao nono ano do Ensino Fundamental.

Com o objetivo de manter o anonimato daqueles que participaram dessa pesquisa, seus nomes foram substituídos pelos de personagens da literatura infantil brasileira: Catarina (de “Uma Professora Muito Maluquinha”), Carlos (o Franjinha, da “Turma da Mônica”), Kika (de “De Onde Vem?”), Luna (de “O Show da Luna”), Marina (de “Peixonautas”) e Visconde (do “Sítio do Pica-Pau Amarelo”).

Foram realizadas “Rodas de Conversa”, gravadas em vídeo e áudio. Durante o minicurso, algumas perguntas foram lançadas ao grupo de docentes em busca de promover a reflexão, ouvir as suas experiências e iniciar o diálogo sobre as temáticas envolvidas na formação proposta. Ao longo do minicurso lancei as seguintes questões: 1- Como vocês têm abordado propostas e temáticas de gênero em sala de aula? 2- Por que vocês acham que há menos mulheres nas Ciências, quando comparado com a quantidade de homens? Quais seriam esses motivos? 3- Qual a viabilidade de utilização do material (jogo) para dialogar com estudantes sobre questões relacionadas à violência contra a mulher e à visibilidade de mulheres cientistas? 4- Quais atividades acreditam que poderiam ser desenvolvidas na “Semana da Mulher”?

Quanto ao detalhamento das ações desenvolvidas nos momentos presenciais do minicurso, foram realizados três encontros com três horas de duração cada, como descrito no Quadro 01 a seguir.

Quadro 01: Atividades desenvolvidas no Minicurso

Dia	Tema	Objetivos	Programação
15/02/2023	Semana Escolar de Combate à Violência contra a Mulher	Situar os docentes sobre a Lei 14.164/2021; Contextualizar historicamente o “Dia Internacional da Mulher”; Dialogar sobre a abordagem de questões de gênero em sala de aula; Dialogar sobre a invisibilidade de mulheres cientistas.	Apresentar o projeto de pesquisa aos professores. Contextualizar historicamente a “Semana Escolar de Combate à Violência contra a Mulher”, em decorrência de conquistas sociais e legislativas. Dialogar com os docentes sobre como desenvolvem essa proposta em suas aulas. Abordar a importância de a temática de gênero estar presente na escola para a promoção da equidade social e questões relacionadas à invisibilidade das mulheres cientistas. Dialogar sobre essas questões históricas e contemporâneas. Apontar documentos oficiais e a literatura científica que versam sobre a temática de gênero na educação.
28/02/2023	Jogo “Qual Cientista Eu Sou?”	Utilizar o jogo “Qual Cientista Eu Sou?” com os docentes; Dialogar sobre a viabilidade da utilização do jogo na “Semana da Mulher”.	Organização dos docentes em grupos, apresentar e utilizar o jogo “Qual Cientista Eu Sou?” com professores, discutindo o contexto da sua construção e a pesquisa das cientistas abordadas. Sugerir materiais didáticos que podem ser utilizados pedagogicamente para abordar essa temática. Investigar o que os docentes acharam da proposta. Solicitar que os docentes tragam no próximo encontro estratégias e sugestões de atividades que podem ser realizadas na “Semana Escolar de Combate à Violência contra a Mulher”, com os estudantes.
06/03/2023	Propostas para a “Semana da Mulher”	Ouvir as propostas dos docentes para a “Semana da Mulher”; Dialogar sobre as estratégias apresentadas.	Dialogar com os docentes sobre as estratégias e propostas de atividades que serão realizadas com os estudantes na “Semana da Mulher”.

Fonte: Autora (2023)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1º ENCONTRO

No primeiro encontro, apresentei-me e descrevi a proposta do minicurso ao grupo de docentes. Com base em uma contextualização histórica, abordei as legislações vigentes voltadas para a temática da violência contra a mulher, decorrente de conquistas sociais e legislativas, finalizando com a lei da “Semana Escolar de Combate à Violência contra a Mulher”. Mostrei ao grupo de professores o Calendário Escolar Anual da SEEDF (Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal), que apresenta as diferentes possibilidades nas quais se pode trabalhar as questões de gênero de acordo com as datas já estabelecidas pela Secretaria de Educação, que visam discutir a Lei 14.164/21, relacionadas à temática de violência contra meninas e mulheres para o ano de 2023.

Nesse sentido, pude identificar que houve a participação de alguns docentes que demonstraram ter conhecimento sobre o tema e se sentiram à vontade para participar, colocando suas percepções sobre a temática e expondo a forma como a abordam em sala de aula com os estudantes. Entretanto, observei que a maioria não se sentiu ainda à vontade para dialogar, ficando apenas na posição de ouvinte durante o primeiro encontro. Acreditamos que essa postura possa ser devida a essa temática estar relacionada, frequentemente, a tabus e a “ideologias de gênero”, termo criado e divulgado pela igreja católica (Coutinho; Rotta, 2023). As autoras relataram que alguns docentes podem estar alinhados a posicionamentos mais conversadores, no entanto, há aqueles que não concebem gênero em uma perspectiva biológica inativa.

Também abordei o processo histórico de criação do Dia Internacional da Mulher e de conquistas dos direitos das mulheres no Brasil, impulsionado pelo Movimento Feminista, além da invisibilidade de mulheres cientistas e as estatísticas relacionadas às relações de gênero na escola e na formação de professores. Além disso, apresentei os documentos oficiais que se referem à temática de gênero na educação, como a LDB, a BNCC e alguns outros disponibilizados no DF, assim como, documentos elaborados por instituições como o CENSO 2020, o Relatório de Ciências da UNESCO, a Agenda 2030 da ONU e a publicação do Museu do Amanhã “Meninas na escola, mulheres na ciência” também foram referidos.

Pude perceber que os docentes tinham conhecimento sobre a existência de vários desses documentos que apresentei, porém, observei que não era um conhecimento superficial.

Mesmo se tratando, em alguns casos, de documentos oficiais norteadores da SEEDF, muitos docentes não tinham conhecimento sobre a abordagem de gênero deles.

Uma das orientações da SEEDF é o desenvolvimento de projetos e trabalhos que discutam as questões de gênero relacionadas às escolhas profissionais e definição de papéis sociais para homens e mulheres (Brasília, 2020). De acordo com Louro (2014), as práticas educativas na escola ocidental moderna são permeadas pelo gênero e acabam por reproduzir os ideais socialmente de comportamentos para meninos e meninas. Desde sua origem, as instituições escolares, classificam, hierarquizam os sujeitos e delimitam espaços (Louro (2014). Posto isso, ao admitirmos que não nos sentimos confortáveis com o fato da escola produzir e naturalizar as relações de desigualdade e de manutenção de divisão social e, justifica-se tentarmos interferir na não continuidade dessas situações.

Nesse contexto, apresentei um rol de materiais de apoio para os docentes, que poderia ser utilizado para aprofundar os conhecimentos sobre a temática em discussão, entre esses, a Revista *Mátria*, a Lei Maria da Penha, o Catálogo com referências e materiais pedagógicos da SEEDF para a valorização das meninas e mulheres e enfrentamento às violências 2021, e a cartilha “Vamos conversar?” da ONU Mulheres. Expus também algumas literaturas complementares sobre a temática de gênero, como os livros “Gênero, sexualidade e educação” da autora Guacira Lopes Louro e “O feminismo é para todo mundo”, da autora bell hooks. Agregado a isso, também mostrei os perfis na rede social Instagram de algumas pesquisadoras e grupos de pesquisa como “@ciencia.no.cotidiano” e “@mulheresnasciencias.ufpr”.

Nesse contexto, de acordo com bell hooks (2022) é importante aprender que o patriarcado é um sistema de dominação masculina e que os homens sempre se beneficiaram do sexismo, porém, antes de mudar o patriarcado, é necessário que mulheres tomem consciência de que também são socializadas para ter valores e pensamentos sexistas, é preciso romper com essas atitudes e crenças e se comprometer com políticas feministas. Assim, desenvolver na escola a “Semana Escolar de Combate à Violência contra a Mulher” reforça a importância de se promover no ambiente escolar situações de aprendizagem relacionadas a essas temáticas. Posto que acredito que ações como essa podem ser uma forma de combater as desigualdades de gênero, promover a capacitação dos docentes, desenvolver reflexões críticas entre os estudantes relacionadas à violência

contra a mulher e ajudar a comunidade escolar na prevenção e combate à violência de gênero (Brasil, 2021).

2º ENCONTRO

No segundo encontro, apresentei o jogo “Qual Cientista Eu Sou?”, elaborado por mim e disponível no site <https://www.ensinodeciencias.info/post/jogo-qual-cientista-eu-sou>, com o objetivo de ser um recurso didático capaz de promover a visibilidade de mulheres cientistas brasileiras e proporcionar um espaço para o debate de questões relacionadas à violência de gênero na “Semana da Mulher na escola”.

Houve bastante envolvimento dos docentes durante o jogo. O coletivo de professores se empenhou em entender o jogo, as regras e se mostraram surpresos com as informações contidas nas cartas e com o perfil de muitas cientistas. Pude perceber que as informações apresentadas no baralho também geraram curiosidade nos docentes e trouxe para eles novos conhecimentos e percepções sobre as mulheres cientistas do Brasil.

Assim, concordo com pesquisas que salientam que a utilização de jogos pedagógicos que abordem conhecimentos sobre a violência contra a mulher e a contribuição de mulheres para a Ciência, pode auxiliar no enfrentamento da violência de gênero na sociedade. Posto que esses jogos tem potencialidade para promover reflexões acerca do apagamento e silenciamento das mulheres na história da Ciência (Teixeira; Amaral, 2020; Eiglmeier; Silva, 2021).

Acredito que um grande desafio para o docente na atualidade é diversificar a maneira de ensinar e buscar por diferentes propostas didáticas que promovam as relações de ensino e aprendizagem. Dessa forma, o uso do jogo no processo educacional pode ser uma alternativa aos métodos tradicionais de ensino, possibilitando a contextualização dos conteúdos, facilitando a aprendizagem dos conceitos científicos e promovendo debates sobre questões sociais relacionadas às Ciências.

3º ENCONTRO

No terceiro encontro, o grupo de professores pôde apresentar propostas de atividades que pretendiam realizar na “Semana da Mulher”. Esse momento contou, também, com a participação dos coordenadores pedagógicos, que puderam conhecer as propostas pedagógicas sugeridas.

Pude perceber nesse encontro que alguns professores se empenharam em elaborar propostas de atividades para abordarem a temática com os estudantes. Entre eles, houve aqueles que se interessaram pela dinâmica e linguagem do jogo “Qual Cientista Eu Sou?” e solicitaram o material para utilizarem em sala de aula. Por outro lado, houve docentes que disseram não terem pensado ainda em alguma atividade, mas que abordariam a temática em outro momento quando fosse conveniente.

No Distrito Federal, a formação continuada dos docentes da SEEDF é oferecida de forma gratuita semestralmente pela EAPE (Subsecretaria de Formação Continuada dos Profissionais da Educação), com a divulgação de uma ampla lista de cursos. Cerqueira (2020) mapeou e analisou os cursos que foram ofertados relacionados aos direitos humanos e gênero no período de 2000 a 2018. Entre os 1794 cursos oferecidos, apenas sete abordavam a temática em questão: 1- Projeto Conscientizar: Sexualidade e Prevenção em DST/AIDS, Drogas e Violência; 2- Educação e Diversidade: como lidar com as relações étnico-raciais, de gênero e de sexualidade; 3- Cine Diversidade; 4- Prevenção à Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes; 5- História da Sexualidade e o Cotidiano Escolar (HSCE); 6- Maria da Penha vai à Escola (MPVE); e 7- Mulheres Inspiradoras. Entre os cursos analisados, todos traziam a possibilidade de abordagem de questões de violência contra meninas e mulheres, e visavam preparar os docentes que buscam mudanças sociais.

Porém, analisando os objetivos de cada curso, percebi que nenhum deles tratava especificamente da temática da invisibilidade de mulheres cientistas ou mulheres nas Ciências. Os cursos “História da Sexualidade e o Cotidiano Escolar” e “Mulheres Inspiradoras” foram os únicos que deixaram mais explícita a preocupação com os papéis sociais pré-estabelecidos para as mulheres. Conferi que no 1º semestre de 2023, o único curso que permaneceu na lista de ofertas da EAPE foi “Maria da Penha vai à Escola”.

Após a realização do minicurso, questionei os participantes se a proposta de formação tinha contribuído para a realização de práticas didáticas que pudessem ser desenvolvidas na “Semana da Mulher”. Perante as suas manifestações percebi que o coletivo de docentes considerou que a carga horária foi suficiente para introduzir o tema e discutir sugestões de materiais que poderiam ser usados na “Semana da Mulher”, além de salientarem que gostaram da dinâmica utilizada e alguns afirmaram que se sentiram à vontade para interagir.

Conforme pude perceber pelas respostas desses professores, o minicurso “abriu cabeça” e aumentou o conhecimento sobre o assunto, os encorajando a tratarem da temática dentro ou fora da sala de aula. Também foi possível ampliar a visão que tinham em relação à quantidade de materiais disponíveis que poderiam utilizar para abordarem as questões de gênero e de mulheres cientistas em suas aulas.

PERCEPÇÕES DOS CURSISTAS

Quando perguntado ao grupo de professores como eles têm abordado propostas e temáticas de gênero em suas salas de aula, a professora Marina disse que todo ano debate sobre o porquê do Dia da Mulher: “eu sempre coloco o porquê do dia da mulher, sobre o que aconteceu lá em Nova York, da fábrica em que as mulheres foram reivindicar os seus direitos [...] aí elas foram todas presas dentro da fábrica e a fábrica foi incendiada”.

A professora acrescentou ainda que discute com a turma de estudantes porque existe um Dia da Mulher e não um dia do homem, e o quanto ficam impressionados, não só com a exploração de trabalho que elas sofriam, mas com o assédio dentro das fábricas.

Com relação aos materiais apresentados, como documentos, cartilhas, materiais pedagógicos e relatórios que tratam sobre violência contra a mulher e mulheres cientistas, as professoras Luna e Marina disseram não conhecer nenhum deles; apenas os professores Visconde e Kika conheciam o Censo Escolar 2020; somente as professoras Catarina e Visconde tinham conhecimento acerca da Agenda 2030 da ONU e apenas o professor Carlos já conhecia a publicação do Museu do Amanhã, “Meninas na Escola, Mulheres na Ciência”.

Em relação à Lei nº 14.164/2021, apenas as professoras Marina e Catarina não tinham conhecimento sobre a sua existência. Quanto ao Calendário Anual Escolar da SEEDF para o ano de 2023, as professoras Luna e Kika disseram não ter conhecimento sobre as diferentes datas previstas no Calendário, nas quais é possível abordar questões de gênero e violência contra a mulher.

A professora Luna acredita que a forma como as mulheres são tratadas no meio científico as faz desistir, pois muitas vezes são tratadas como assistentes e isso faz com que elas desanimem e desistam. Ela acrescentou que antigamente, mesmo que a mulher tivesse feito a descoberta, ela não podia assinar a autoria.

O professor Carlos, graduado em Ciências Biológicas, relatou que na época da faculdade percebia que as professoras precisavam produzir mais, demonstrar mais suas capacidades e eram as mais envolvidas em projetos do que professores homens: “Elas mesmas falavam [...] que quando elas estavam entre doutores, eles não as escutavam e elas tinham que ficar provando sua capacidade o tempo todo.”

Em relação ao Jogo “Qual Cientista Eu Sou?”, os professores Carlos, Luna e Marina acharam viável a utilização em sala de aula para abordar questões de violência contra a mulher, uma vez que “a carreira parece ser mais acessível a homens do que para mulheres. Eles acreditam ser importante dialogar sobre as dificuldades e os desafios encontrados pelas cientistas para ter credibilidade nas pesquisas e espaço na ciência: “Muitas são tachadas como arrogantes, precisamos explicar porque elas são assim”, disse a professora Luna. Poucas foram as cientistas reconhecidas pelos professores: “Eu só conhecia a Jaqueline Goes e a Natalia Pasternak, por causa da Pandemia”, disse a professora Kika. De maneira geral, os docentes acreditam que o jogo pode contribuir para a discussão sobre a violência contra a mulher, mulheres cientistas, e por valorizar pesquisadoras e seu potencial no mercado de trabalho, como colocado pela professora Kika: “Acredito que o jogo possa ampliar os horizontes das nossas estudantes, mostrando que é possível sim, ser mulher é ser cientista”.

Como contribuição do minicurso posso destacar a possibilidade de os participantes terem maior familiaridade com a lei que institui a “Semana Escolar de Combate à Violência contra a Mulher”, ampliando espaços de diálogo. De maneira geral, o coletivo de docentes considerou essa lei importante e necessária para focar a violência contra a mulher, que também pode acontecer no ambiente escolar, tendo em vista que muitas alunas já sofreram algum tipo de violência ou presenciaram em casa.

Além disso, foi importante a disponibilização de diferentes materiais que abordam gênero e mulheres nas Ciências para que pudessem estar ao alcance dos docentes, a fim de que desenvolvam práticas pedagógicas relacionadas a essa temática, conforme declarou a professora Kika: “Ampliou a minha visão para essas questões de gênero e me mostrou que tem bastante material que trata do tema e muitas vezes nós nem temos conhecimento nem acesso fácil”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar um minicurso para professores que abordasse a temática de violência contra a mulher e que buscasse dar visibilidade às mulheres cientistas partiu de uma necessidade muito particular de não ter tido acesso ou encontrado uma capacitação que desse conta dessas duas temáticas juntas. A criação da Lei da “Semana da Mulher” indiretamente abriu espaço para se discutir e dialogar sobre as diferentes formas de violência vivida por mulheres no campo científico, entre elas a ocultamento e discriminação das mulheres nas Ciências. Também foi possível a abordagem na escola do sexismo que fomenta a misoginia e atos hostis contra as mulheres.

Acredito que a educação é um dos melhores meios para o enfrentamento da violência contra a mulher e desempenha um papel importante na conscientização e sensibilização da comunidade sobre como as diferentes formas de violência de gênero se manifestam. Nenhum dos docentes tinha participado de alguma formação relacionada com a temática de gênero anteriormente, mas alguns demonstraram que havia interesse, pois acreditavam ser importante ter esse conhecimento para abordarem esse assunto em sala de aula, pois poderia proporcionar diferentes perspectivas pedagógicas a respeito desse tema.

Portanto, a oferta desse minicurso na escola para docentes permitiu ampliar os conhecimentos dos docentes sobre a temática e sobre a diversidade de materiais disponíveis que podem ser utilizados em sala de aula. Além disso, acreditamos que capacitar os professores para que possam desempenhar, com um pouco mais de confiança, um papel vital na prevenção da violência, na identificação de situações conflitantes. O docente também pode contribuir para a ruptura de estereótipos de gênero, principalmente no meio escolar, acadêmico e científico, estimulando o interesse de meninas e mulheres pelas carreiras científicas.

REFERÊNCIAS

BATISTA, I. L.; HEERDT, B.; KIKUCHI, L. A.; CORRÊA, M. L.; BARBOSA, R. B.; BASTOS, V. C. Saberes docentes e invisibilidade feminina nas Ciências. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS*, 9., 2013, Águas de Lindóia. *Anais[...]* Rio de Janeiro: ABRAPEC, 2013. Disponível em: http://abrapecnet.org.br/atas_enpec/ixenpec/atas/. Acesso em: 23 de mai. de 2022.

BRASIL. **Lei nº 14.164/2021**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para incluir conteúdo sobre a prevenção da

violência contra a mulher nos currículos da educação básica, e institui a Semana Escolar de Combate à Violência contra a Mulher. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2021.

BRASÍLIA. **Prevenção e enfrentamento à violência contra meninas e mulheres:** guia com orientações para profissionais da educação. Brasília, DF: Secretaria de Estado de Educação, 2020.

COUTINHO, M. B. D.; ROTTA, J. C. Relação de gênero e formação de professores de Ciências no Brasil. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISAS EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS*, 14, 2023. Caldas Novas. **Anais** [...] Realize Eventos Científicos e Editora: Campina Grande, 2023 p. 1-12. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/enpec/2023/TRABALHO_COMPLETO_EV_181_MD1_ID29_TB545_06042023174549.pdf. Acesso em 19 abr. 2024.

EIGLMEIER, H. M. S.; SILVA, C. S. Mulheres da Tabela Periódica: produção de jogos e o engajamento de estudantes. **Revista Eletrônica Ludus Scientiae**, v. 5, n. 1, p. 239-258, 2021.

HEERDT, B.; BATISTA, I. L. Representações sociais de ciência e gênero no ensino de Ciências. **PráxisEducativa**, v. 12, n. 3, p. 995-1012, 2017.

HEERDT, B.; BATISTA, I. L. Questões de gênero e da natureza da ciência na formação docente. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 21, n. 2, p. 30-51, 2016.

hooks, b. **O feminismo é para todo mundo:** políticas arrebatadoras. 18. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2014.

TEIXEIRA, D. M.; AMARAL, F. S. Jogos pedagógicos para prevenção e combate à violência contra mulheres. *In: SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS*, 6, 2020. On-line. **Anais** [...] Londrina: UEL, 2020p. 798-810. Disponível em: <http://anais.uel.br/portal/index.php/SGPP/article/view/1096>. Acesso em: 07 jul. 2023.